Revista Macambira
ISSN:2594-4754
Revista Macambira
Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes)
ARTIGO
https://doi.org/10.35642/rm.v4i2.458/

A história do "meu" lugar: as memórias e suas contribuições para o enriquecimento das identidades campesinas

Lindiana Visitação dos Santos[1*], Matteus Freitas de Oliveira[2]

[1] Especialista Aperfeiçoamento em Formação Docente para Educação à Distância - Instituto Federal do Espírito Santo, IFES; Especialista em Educação do Campo – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus* Serrinha; Graduada em Pedagogia – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus* XI.
E-mail: ld.diana@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-1193-666X

[2] Mestre em Geografia – Universidade Federal da Bahia, UFBA; Especialista em Modelagem das Ciências da Terra e do Ambiente – Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS; Professor do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, *Campus* Batalha.
E-mail: matteusfreitas@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-4103-187X

*Autor correspondente:
ld.diana@hotmail.com

Resumo:
O presente artigo propõe um olhar reflexivo sobre a visibilidade dos sujeitos do campo através da história do lugar a que pertencem. Para tanto, o estudo traz esta questão norteadora: de que maneira a contextualização da história de um lugar pode trazer empoderamento para os atores sociais enquanto sujeitos construtores de cultura e identidade? Assim, se objetiva ao longo da pesquisa compreender como as estratégias de contextualização da história da Comunidade de Ipoeira, em Teofilândia/BA, pode promover o empoderamento e o reconhecimento dos moradores no tocante à identidade e à cultura. Foram traçados como objetivos específicos: conhecer/reconhecer a história local através das memórias dos moradores (jovens/idosos) e refletir sobre a importância dos mecanismos de produção da visibilidade identitária e cultural. Como percurso metodológico, utilizou-se a abordagem qualitativa, no viés da pesquisa-ação, que trouxe resultados significativos ante a finalidade da pesquisa de mostrar que o território a que se pertence contribui para a construção da identidade do indivíduo.

Palavras-chave: Identidade, Cultura, Memória.

REVISTA MACAMBIRA
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, c*ampus* Serrinha. Estrada Vicinal de Aparecida, s/n, Bairro Aparecida, Serrinha (Ba), CEP: 48700-000, sala 01, prédio acadêmico.

Revista Macambira
Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes)
ISSN:2594-4754
ARTIGO
https://doi.org/10.35642/rm.v4i2.458

The history of "my" place: memories and their contributions to the enrichment of peasant identities

Lindiana Visitação dos Santos[1*], Matteus Freitas de Oliveira[2]

[1] Specialist improvement in teacher training for distance education - Federal Institute of Espírito Santo, IFES; Specialist in rural education – Federal Institute of Education, Science and Technology Baiano, *Campus* Serrinha. Graduated in Pedagogy. University of the State of Bahia – UNEB, *Campus* XI.
E-mail: ld.diana@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-1193-666X

[2] Master in Geography – Federal University of Bahia, UFBA; Specialist in modeling earth sciences and the environment – Federal University of Feira de Santana, UEFS; Professor at the Federal Institute of Alagoas – IFAL, *Campus* Batalha.
E-mail: matteusfreitas@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-4103-187X

*Corresponding author:
ld.diana@hotmail.com

Abstract:
This article reflects on the visibility of people in rural areas through the history of the place where they belong to. For this, the study brings the following guiding question: how can the historical contextualization of a place empower the social actors as culture and identity constructors? Thus, this research aims to understand how the strategies of historical contextualization of Ipoeira in Teofilândia/Ba can stimulate the empowerment and recognition of inhabitants regarding to their identity and culture. The specific research objectives propose to know/recognize the local history, through the memories of the population (young/elderly); as well as reflect on the importance of mechanisms for producing identity and cultural visibility. The study is a qualitative action research, which brought significant results to the purpose of showing that the territory to which we belong contributes to the construction of our identity.

Keywords: Identity, Culture, Memory.

MACAMBIRA JOURNAL
Federal Institute of Education, Science and Technology Baiano, c*ampus* Serrinha. Estrada Vicinal de Aparecida, s/n, Bairro Aparecida, Serrinha, Bahia, Brasil, CEP: 48700-000, sala 01, prédio acadêmico.

Começando a história

Este artigo é parte da discussão da pesquisa-ação intitulada "Construindo saberes entre memórias e histórias: subjetividades das práticas culturais dos moradores da Comunidade de Ipoeira no município de Teofilândia-BA", na qual refletimos sobre a importância da história do lugar para o processo de empoderamento dos sujeitos do campo e para o fortalecimento de suas identidades. A pesquisa-ação foi produzida no Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano, *Campus* Serrinha, para obtenção do título de Especialista em Educação do Campo, com moradores da Comunidade de Ipoeira, em Teofilândia, na Bahia. O município faz parte do território do sisal e está localizado a 205 km da capital, Salvador.

O conhecimento acumulado por gerações e que atravessa o tempo e o espaço também é chamado de "experiência", que, segundo Foucault (1984 apud LÓPEZ, 2011, p. 45), é "[...] a correlação, em uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade". Mediados em processo de coletividade, os saberes e fazeres, produzidos e ressignificados ao longo do tempo, se transformam em conhecimento, e este constitui uma parte significativa de cada pessoa, compondo o que López (2011) chama de subjetividade, com base em Foucault.

É importante salientar que nesta pesquisa a palavra Comunidade se encontra escrita com inicial maiúscula em todo o corpo do texto por se considerar que ela traz um sentido de apropriação de lugar a partir do empoderamento construído nesse território. Assim, Comunidade remete-se a uma construção identitária e política que perpassa as noções mais íntimas e empoderadas dos territórios de vida. Segundo Baquero (2012, p. 179), citando Wallerstein e Berstein (1994), empoderamento "é um processo através do qual pessoas ganham influência e controle sobre suas vidas e, consequentemente, se tornam empoderadas". Compreendemos que o empoderamento se dá com o reconhecimento e a apropriação histórico-espacial de onde se vive, luta e ama a partir do e pelo território. Por isso, iniciamos dizendo que o resultado desse empoderamento, que transborda nas linhas deste artigo, buscou empoderar outros sujeitos numa dimensão dialética.

Neste estudo, são observadas a compreensão do indivíduo enquanto ser cultural e as relações interpessoais que se fazem presentes. Assim, a interação entre os sujeitos mais jovens da Comunidade e o conhecimento e as experiências constituídos pelos seus antepassados ajudarão aqueles a entenderem o contexto em que vivem, implicando a apropriação espacial e o reconhecimento de suas identidades locais, como também o entendimento de ritmos, normas, códigos e símbolos de/em seus territórios de vida.

Em virtude da volatilidade das identidades, Bauman (2001, p. 98) as compreende como "a capacidade de 'ir às compras' no supermercado das identidades, o grau de liberdade [...] de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado [...]. Com essa capacidade somos livres para fazer e

desfazer identidades à vontade. Ou assim parece". Dessa maneira, percebemos a dinâmica e a complexidade que existem no campo construtivo da identidade.

Segundo Martins (2006, p. 43), "contextualizar [...] deverá ser um trabalho de reconstruir visibilidades e dizibilidades instituídas, e de permitir que os 'outros', excluídos da 'narrativa hegemônica', recuperem sua palavra e tornem pertinentes suas questões". Consideramos que a pesquisa implica o condicionamento de estratégias que contribuem para o empoderamento dos participantes envolvidos, uma vez que as histórias e memórias – individuais e coletivas – os colocam como escritores da própria história e, consequentemente, ganham "poder" sobre suas vidas e seus feitos. Nesta pesquisa, estabelecemos como ponto de partida a seguinte inquietação: de que maneira a contextualização da história de um lugar pode trazer empoderamento para os atores sociais enquanto sujeitos construtores de cultura e identidade?

Sendo assim, o objetivo de nossas reflexões foi compreender as estratégias de contextualização da história da Comunidade de Ipoeira, Teofilândia/BA, para o empoderamento e o reconhecimento das identidades locais numa perspectiva cultural, além de observar como se processam o conhecimento e o reconhecimento da história local por meio das memórias dos moradores (jovens/idosos), destacando-se a importância dos mecanismos de produção da visibilidade identitária e cultural.

Baseado na Educação Popular desenvolvida por Paulo Freire, a qual considera as experiências de vida e suas múltiplas relações como situações de aprendizado, Arroyo (2000) afirma que os povos do campo detêm suas próprias redes de socialização e de reinvenção da vida e da cultura. No seu cotidiano, se constroem e produzem seus saberes e fazeres ligados às relações dialéticas entre terra e água. Esses saberes ancestrais são repassados pelos mais velhos, anciões ou mestres detentores da experiência de vida mais profunda no território, que guiam os mais jovens nos rituais de socialização com a terra, imprimindo nos corpos as relações imbricadas de pertencimento ao território. Como afirma Haesbaert (2007, p. 20), "território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional 'poder político'. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação". Nesse contexto, caminhar por entre esses saberes perpassa a valorização desses sujeitos, responsáveis pela construção e reconstrução das histórias em suas territorialidades.

Por isso, é impossível não considerar que as interações entre as gerações, com essas trocas de saberes e fazeres, possam agregar novos significados e conotações dessa reconstrução identitária e territorial, havendo consciência ou não dos sujeitos envolvidos acerca de suas potencialidades. Segundo Tuan (1983, p. 203), "a importância dos acontecimentos na vida de qualquer pessoa está mais diretamente relacionada com sua intensidade do que com a sua extensão". E é pela intensidade das vivências e

permanências que o sentimento de pertencimento ao lugar torna esta pesquisa relevante no que tange à produção de sujeitos, identidades e espaços particularizados em um amálgama culturalmente negociado.

Dentre os aportes teóricos que fundamentaram o presente artigo, destacamos as contribuições de Bauman (2001) utilizadas para compreensão das identidades, entrelaçando essa perspectiva com as considerações de Halbwachs (1990) ao discutir a memória coletiva. Essas dinâmicas foram observadas nas análises de Tuan (1983), que, ao usar a categoria lugar, elencou uma série de processos decorrentes do pertencimento, com destaque para o sentimento de topofilia, até desembocar nas considerações sobre as relações de poder efetivadas por Haesbaert (2007) na construção de territórios articulados por identidades.

O artigo está organizado em quatro seções. A primeira realizou um esforço na direção de refletir sobre o caminho metodológico percorrido ao longo da pesquisa. A segunda referiu-se ao diagnóstico da pesquisa-ação sobre as construções dos resultados a partir da articulação entre jovens. A terceira trata-se da análise e discussão dos resultados construídos por meio dos círculos de cultura, fazendo uma incursão nas memórias coletivas e elucidando o contexto histórico, social, político, cultural e territorial da Comunidade pesquisada. E, por fim, na quarta seção, apresentamos as considerações finais.

Articulando os pressupostos metodológicos

Buscando contribuir para que os sujeitos da Comunidade se enxerguem como agentes construtores da sua própria história, lançamos mão da pesquisa qualitativa, permitindo aberturas para capturar novos olhares sobre as produções de sujeitos e seus territórios. Assim,

> A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001 apud GERHARDT, 2009, p. 32).

Em uma aproximação distante dos postulados da neutralidade científica, que marcou várias abordagens de pesquisa, adotamos a pesquisa-ação, a qual permite trocas significativas entre pesquisador e Comunidade, isto é, contribui com "o envolvimento e identificação do pesquisador com os sujeitos envolvidos" (ENGEL, 2009, p. 40). Considerando minha vivência e a prerrogativa memorialista na Comunidade, a pesquisa-ação tornou-se adequada à proposta de estudo. Realizamos a mudança da pessoa da fala, entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, em virtude de a autora do texto ser, ao mesmo tempo, Comunidade e pesquisadora. Suas vivências e a plurilocalização de fala nos respaldam a transitar em pessoas e tempos verbais diferentes, sem se perder de vista os rigores científicos, além de se posicionar politicamente contra as abordagens positivistas ao acionar uma abordagem memorialista numa perspectiva cultural.

Na abordagem de Dionne (2007), a pesquisa-ação se divide em quatro fases integradas da intervenção planejada que são discutidas separadamente no contexto da pesquisa. A *primeira fase* corresponde à identificação das situações iniciais. Nessa etapa, foram analisados, por meio da interação da pesquisa-ação, dois grupos distintos da Comunidade de Ipoeira: um grupo de jovens e adultos na etapa de diagnóstico, objetivando conhecer e analisar as percepções sobre a história da Comunidade na visão dos jovens, além de demandas específicas desse grupo focal; e um grupo de idosos mesclados com jovens na etapa de construção da história da Comunidade através de círculos de cultura – ferramenta metodológica adotada para construir a história da Comunidade de Ipoeira.

Os procedimentos metodológicos utilizados no diagnóstico foram de ordem qualitativa, com base na metodologia da pesquisa-ação, acompanhada de Diagnóstico Rural Participativo – DRP –, através de grupo focal e suas demandas específicas. Morgan (1996, p. 130) define grupos focais como "uma técnica de pesquisa para coletar dados através da interação do grupo sobre um tópico determinado pelo pesquisador". De acordo com o autor, o grupo focal permite a coleta de informações sobre um determinado assunto anteriormente projetado.

Após a realização do diagnóstico, partimos para a concretização dos círculos de cultura com os primeiros moradores da Comunidade. Para Freire (1987, p. 9):

> O círculo de cultura re-vive a vida em sua profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora [...].

A compreensão desse método de pesquisa, na concepção de Freire, nos faz perceber que, com os diálogos nos círculos de cultura, é possível reconstruir histórias a partir das vivências e memórias dos moradores – nesse caso, a história da Comunidade –, levando em consideração as práticas culturais existentes, servindo gradativamente para alcançar os resultados construídos. Também obtivemos dados provenientes de diálogos/bate-papos individuais com moradores e ex-moradores da Comunidade, com isso agregando mais informações.

A última etapa da pesquisa baseou-se na busca por fotos antigas e recentes que representassem a vivência dos moradores de Ipoeira. Para tanto, nos apoderamos da técnica metodológica *snowball*, também conhecida como *snowball sampling*, "Bola de Neve". O *snowball* é um caminho para a efetivação de pesquisa em comunidades, pois é uma espécie de rede que serve para conectar pessoas e construir informações. Segundo Baldin e Munhoz,

> Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (2011, p. 332).

A *segunda fase*, com base em Dionne (2007), visou à projeção das ações. No grupo focal, foi sugerida pelos participantes a abordagem das seguintes temáticas: produção de sisal, futebol, capoeira e, ainda, as relações políticas municipais com os anciãos. As temáticas levantadas pelo grupo focal foram trabalhadas na perspectiva dos círculos de cultura com os moradores antigos e com alguns jovens da Comunidade, que foram selecionados pela afinidade com os temas, para que pudessem provocar a eclosão de lembranças dessas memórias, a fim de tecer saberes que ajudassem na construção da História da Comunidade, além de repassá-las para os participantes mais novos. É importante destacar que, mesmo tendo em vista preservar a integridade ética, os participantes, tanto do diagnóstico quanto dos círculos de cultura, preferiram usar seus nomes reais, demarcando seus locais de fala e suas identidades num ato político territorial.

Para Dionne (2007), a *terceira fase* compreende as atividades previstas. A atividade diagnóstica com os jovens e adultos foi realizada no dia 27 de maio de 2017, consistindo na realização de uma mística, uma roda de conversa e a construção de uma árvore dos sonhos. A árvore dos sonhos, segundo o Centro de Referências em Educação Integral (2015), é uma metodologia participativa que objetiva o levantamento de expectativas e desafios a serem enfrentados em uma determinada proposta e/ou temática por um grupo focal. Já com os moradores mais antigos, por seu turno, promovemos dois círculos de cultura. O primeiro encontro foi efetivado em 11 de novembro de 2017, e o segundo, no dia 18 de novembro de 2017. A busca ativa de fotos pela técnica de *snowball* começou em maio de 2017 e foi concluída em julho de 2018, com um total de 108 imagens.

Por fim, a *quarta fase* se concentrou na realização da avaliação dos resultados obtidos, sendo construída em duas etapas: a avaliação parcial, através da sistematização de informações sobre a Comunidade de Ipoeira, e a avaliação final, a qual foi capaz de observar os avanços e as falhas ocorridos ao longo da pesquisa.

Do "novo" para o "velho": começando pelo inverso das gerações

Segundo Garrafiel (1999, p. 14), "o propósito de um diagnóstico é conhecer a realidade de um lugar ou uma situação", ou seja, conhecer e contar a história de um lugar, neste caso, a história da Comunidade de Ipoeira. Assim, consideramos viável iniciar a pesquisa sondando, num primeiro momento, o que os jovens e adultos conheciam sobre a história da localidade, para daí dialogarmos com os anciãos. As ferramentas metodológicas utilizadas para a realização do diagnóstico com 16 participantes associaram a mística, a roda de conversa, inspirada nos pressupostos da entrevista semiestruturada, e a árvore dos sonhos.

A mística consistiu na exposição de objetos relacionados ao campo – enxada, berimbau, bola, sementes, facão, sisal, entre outros – para que os participantes escolhessem aquele com que mais se identificavam para falar sobre ele (o objeto). Ao término da mística, Filipe chegou à seguinte conclusão: "*[...] tudo isso representa a nossa cultura [...]*". Logo em seguida, Rafael complementou dizendo que "*faz parte da nossa cultura, mas hoje é mais história do que cultura, porque hoje não está tendo isso como tinha antigamente*" (mística realizada no dia 27/05/2017). Essa afirmação nos leva a concluir que o momento de mística gerou a reflexão sobre a necessidade de se manter as redes culturais, sejam elas materiais, como os objetos que não são mais comuns para essa geração, sejam imateriais, como, por exemplo, dizeres, crenças, hábitos, práticas, entre outros, além de considerar novos elementos que surgem frente à transformação da sociedade ao longo do tempo.

A roda de conversa aconteceu baseada na entrevista semiestruturada sobre estas temáticas: educação, cultura, trabalho no campo, economia local, religião, política e gênero. Sobre **educação** e a importância de estudar, Cidel salientou: "*uma escola é tudo porque, na verdade, como a gente sabe, o policial, o doutor, saem tudo da escola, então ela é educadora porque quem vai para universidade primeiro passa pela escola*" (roda de conversa realizada no dia 27/05/2017). Apesar de reconhecer a instituição escola como aparato importante em nossa sociedade ocidentalizada, Cidel não se deu conta de que essa mesma escola de possibilidades, em seu imaginário, tem gerado cercas, arames e porteiras de acesso aos bens materiais e imateriais da vida do campo. Assim, a escola do campo deve valorizar a cultura local, não sendo somente um espaço para se aprender a ler, escrever e fazer contas; ela deve trabalhar o desenvolvimento da sensibilização e da expressividade dos estudantes para valorizar a escola do campo para o campo.

Na discussão sobre a história de um lugar, faz-se necessário o conhecimento dos costumes e das tradições – **cultura** – daqueles que o habitam. Na percepção de Filipe, a "*cultura são os nossos hábitos e costumes de antigamente*" (roda de conversa realizada no dia 27/05/2017). Ampliando essa visão, Bosi acredita que a "cultura é o resultado da ação das pessoas sobre a realidade, transformando-a e deixando aí a sua marca" (2003, p. 48). Nessa perspectiva, analisando a fala de Filipe, que entende as práticas passadas como cultura, Bosi (2003) assinala que nós – seres do presente –, a partir de ações, podemos construir marcas e referências para gerações futuras.

É importante destacar que os movimentos culturais são educativos pelas formas como têm se mobilizado nos processos de formações. De acordo com Gohn (2011, p. 333), uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais e culturais é que "são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes". O movimento cultural possui caráter político-social, e o conjunto desses saberes está articulado com os fatores que geram as aprendizagens e os valores da cultura em processos interativos.

Em relação ao **trabalho no campo**, nos foi pertinente indagar: qual a relação que vocês têm com a terra? Assim, Filipe concluiu o seguinte: "*temos uma relação muito próxima com a terra, nós viemos de uma*

geração que está sobrevivendo dos alimentos que a terra dá para a gente" (mística realizada no dia 27/05/2017). Os sujeitos do campo desde cedo assumem uma relação muito forte com a terra, porém, com a valorização da vida urbana e a redução de incentivos às práticas de agricultura familiar, muitos sujeitos estão abandonando o campo.

No debate sobre **economia local**, ressaltamos a fala de um dos interlocutores da pesquisa, Hiago, que nos chamou atenção: "*[...] até eu já estou nesta onda de facão[...]*" (mística realizada no dia 27/05/2017). O desabafo de Hiago desenha as condições precárias e de poucas oportunidades para manter o circuito da economia local em Ipoeira em virtude da precarização do trabalho. Não diferente de vários espaços rurais no Brasil e na realidade latino-americana, existe uma percepção muito reduzida do campo.

Visando a conhecer as ponderações dos jovens sobre **religião**, indagamos: a religião é algo importante para vocês, ou na vida do ser humano? Por quê? Ante esse questionamento, o jovem Filipe destacou que ela é muito importante "*porque acaba tirando a gente do bar, de uma confusão lá fora, evitando também o uso de droga porque, depois dessa droga aí* [ilícita – grifo nosso]*, está destruindo tudo, e a religião evita esse tipo de coisa*" (roda de conversa realizada no dia 27/05/2017). Percebemos, na fala de Filipe, o papel social que a religião promove no que tange à inserção dos sujeitos em diversos contextos, como, por exemplo, as redes sociais de solidariedade. Os grupos de jovens funcionam como espaços socioterritoriais fecundos para o encontro de sujeitos, além de promoverem debates acerca de questões atuais e de interesse dos jovens.

Buscando conhecer a amplitude do conhecimento dos participantes do diagnóstico sobre **política**, perguntamos: como vocês enxergam o sistema político hoje no Brasil? De acordo com sua percepção, Cidel o concebe na escala nacional como "*calúnia, uma corrupção total, porque o dinheiro está corrompendo os governantes, isso para população é uma vergonha para nós brasileiros, e hoje não podemos dar nosso voto a qualquer um*" (roda de conversa realizada no dia 27/05/2017). Notamos que é preocupante o descrédito dos sujeitos quanto ao exercício da democracia, o que abre precedentes para as posturas radicais de retração da participação popular nos espaços de debate, e quanto à vivência democrática que constrói a nossa cidadania. Existe também uma visão reducionista sobre papel/postura/representatividade política na Comunidade, o que, somado à desarticulação da juventude, abre espaço para a ausência de políticas públicas voltadas para essa faixa etária.

Finalizada a discussão sobre política, demos início ao diálogo sobre **gênero**. Desde muito cedo, nossos corpos são ensinados a corresponder à matriz da heteronormatividade e manter a linearidade de gênero, genitália e sexualidade (LOURO, 2013). A pedagogia de docilização dos corpos está disseminada nas diversas instituições sociais, como as escolas, as famílias, as religiões, os hospitais e os espaços culturais (FOUCAULT, 1987). Discutindo sobre as orientações sexuais que existem para além da heteronormatividade, como a diversidade presente na comunidade LGBTQI+, Filipe abordou que "*cada*

um tem sua opção, e é preciso respeitar" (roda de conversa realizada no dia 27/05/2017). A fala de Filipe representa o imaginário da sexualidade como algo dado e opcional, não abarcando a dimensão cultural, social e política da rede de poder que emana de uma sociedade (LOURO, 2013). A fim de tensioná-los ainda mais sobre a temática e a condição de "respeito", perguntamos: vocês têm algum tipo de preconceito quanto a isso? Então, dentre as respostas obtidas, Rafael assinalou que é preciso "*respeitar, acho que cada um tem o seu gosto e seu modo de pensar, e acho que democracia é isso, você escolher o que quer ser, sua opinião. Cada um faz o que quiser fazer com sua vida*" (roda de conversa realizada no dia 27/05/2017). O debate sobre gênero, sexualidades e orientação sexual se colocou como tema de inquietação entre os sujeitos na roda de conversa. O diálogo apontou na direção do choque de visão e crenças que cada sujeito individualmente carrega, uma vez que, mesmo com a disseminação de campanhas humanísticas e democráticas, concepções e ideias preconceituosas ainda estão fortemente enraizadas.

No momento da roda de conversa, a palavra respeito, com toda entonação dada, apareceu de forma mecânica num ato diplomático de aceitação estratégica, em declaração pública, de sujeitos que destoam da matriz heteronormativa. Na prática, no mais banal do cotidiano, existem poucas vivências dessa dimensão democrática de aceitação. Dessa forma, compreendemos que as palavras respeito-opção-gosto-opinião são estratégias discursivas que escondem os dispositivos de dominação que tentam moldar os corpos com pedagogias a favor da matriz. Os corpos que fogem a esse molde são marcados por violências de todos os tipos (LOURO, 2013).

Salientamos que as contribuições das percepções dos jovens acerca das temáticas educação, cultura, trabalho no campo, economia local, religião, política e gênero foram de fundamental importância para enriquecer e elucidar nosso olhar enquanto pesquisadores.

Após a roda de conversa, foi iniciada a montagem da árvore dos sonhos, diagnosticando de forma lúdica o que os jovens da Comunidade sonhavam para seu futuro e suas perspectivas. Nesse sentido, ao ser finalizada a atividade, percebemos que determinados sonhos estão direcionados às atividades rurais e que outros apresentam interferências da educação urbana na escolha das profissões. Contudo, compreendemos que os jovens de Ipoeira podem escolher o exercício de suas profissões tanto em espaços rurais quanto nos urbanos através da árvore dos sonhos.

Asseguramos que a realização do diagnóstico nos serviu de embasamento para o direcionamento dos passos consecutivos da pesquisa, pois foi a partir das informações construídas durante esse processo que surgiram temáticas relevantes para serem abordadas com os moradores mais antigos da Comunidade. É importante ressaltar que o diagnóstico se tratou dos primeiros resultados da pesquisa construídos com os moradores mais jovens, em seguida partimos para a construção dos resultados com os idosos.

Os "velhos" e suas memórias na (re)construção da história de Ipoeira

A memória é uma estratégia que permite que o ser humano (re)lembre situações por ele vivenciadas, levando à construção e/ou reconstrução de fatos importantes que marcaram sua história ou a de outras pessoas. Isso porque,

> Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre a nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS,1990, p. 25).

Nesse sentido, compreendemos que a memória pode ser individual ou coletiva, se desdobrando na produção da história, de tal modo que só conseguimos externar aquilo que um dia foi visto, feito, sentido e pensado por nós em algum momento da vida, uma vez que "não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória" (HALBWACHS, 1990, p. 60). Portanto, a história da Comunidade de Ipoeira foi construída a partir da rememoração realizada por cada participante que vivenciou diversos contextos.

Ao reunir os moradores para a troca de memórias – através de círculos de cultura –, temporalidades e percepções diferentes se encontraram, dialogaram e conflituaram entre si no esforço de construir a história coletiva de Ipoeira, e, para isso, se estabeleceu o ambiente de consenso e de Comunidade.

De acordo com as memórias coletivas, a Comunidade de Ipoeira foi povoada por volta de 1962 por Nascimento Valério dos Santos, com sua esposa Maria Severa de Moura – descendente de caboclo, visto que seu avô, João da Volta, o era –, e seus 12 (doze) filhos, como ilustra a Figura 01.

O fundador Nascimento Valério dos Santos ganhou o terreno de herança de seu pai, que deu origem à Comunidade de Ipoeira, construindo sua casa nesse lugar. Atualmente, as casas dos moradores foram reformadas, descaracterizando os primeiros traços arquitetônicos que eram, inicialmente, de baixo custo. Muitos habitantes já moraram em casas de taipa com piso de barro e portas feitas com flechas de sisal. A escolha do nome "Ipoeira" foi realizada por Izídio Ferreira dos Santos, que morou próximo à Comunidade, e, conforme a memória coletiva, existe um desconhecimento acerca da motivação para a escolha do nome. A Comunidade, antes do povoamento, apresentava uma vegetação diversificada graças à presença de espécies típicas da caatinga, como o gravatá, a caçutinga, o umbuzeiro, o pau-de-colher e algumas pindobas, que foram desmatadas com o avanço das atividades agropecuárias e das habitações.

Segundo os moradores, a **energia elétrica** chegou à Comunidade por volta de 1999 por intermédio do Vereador Adolfo Cordeiro, na gestão de Carlos Afonso de Oliveira, entre os anos de 1997 a 2004. Quando nos reportamos à chegada da **água encanada**, José ressaltou: "*a água é mais fácil de lembrar, foi na época que Tércio era prefeito*", por volta de 2010. Antes da água da Empresa Baiana de Águas e

Saneamento – EMBASA –, a Comunidade era abastecida por um poço artesiano que foi construído na gestão do Prefeito Adolfo Cordeiro.

Figura 01: Árvore genealógica dos primeiros moradores da Comunidade de Ipoeira, em Teofilândia/BA.



Fonte: Extraída das redes sociais Facebook e WhatsApp; SANTOS, L. V. dos, 2018. **Elaboração**: SANTOS, L. V. dos, 2018.

A água encanada trouxe muitos benefícios para os moradores, principalmente no que se refere à comodidade de não precisar percorrer longas distâncias em busca de água para beber ou ter de esperar os carros-pipa da prefeitura abastecerem as cisternas dos moradores da Comunidade. A implantação da rede de abastecimento de água provocou emoções nos moradores, que eram marcados pelo contexto da estiagem, como declarou Neuza: "*só alegria, acabou todo sofrimento, a gente não sabe o que é mais sofrer por água*" (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017).

Na discussão sobre **medicina popular** e **crenças culturais**, os participantes contaram que anteriormente as pessoas tinham o costume de serem rezadas. Por meio dessas rezas, se estabelecia a cura para diversos problemas, como "*olhado, vento caído, sol e sereno*" (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017). As benzedeiras mais antigas eram Maria Salomé, Joana, Maria Pequena, Guilé, Zefão (todas *in memoriam*). As benzedeiras que atualmente mantêm a tradição são: Luiza, Didi, Simone, Marivone, Detinha e Teresinha, apesar de que a frequência das rezas, atualmente, se encontra bastante reduzida.

No ritual da reza para olhado/olho ruim, são proferidas, conforme Luiza, as seguintes preces: "*Pelos poderes de Jesus e a Virgem Maria, com um te botaram, com dois eu te tiro, como os poderes de Deus e da Virgem Maria*". E complementa: "*quem tem fé fica bom. Faço isso para Deus me ajudar e as coisas irem mais pra frente*" (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017). Para Pasa (2011, p. 190), a medicina popular é "inicialmente uma 'medicina de saber local', que designa certo modo de transmissão essencialmente oral

e gestual ('por ouvir falar e ver fazer'), comunicada por intermédio da família e da vizinhança". Existem estudos feitos em Comunidades tradicionais que analisam a crença no poder curativo das plantas e das orações feitas por benzedeiras. De acordo com Schardong (2000, p. 200), por sua vez, "a cura só é adquirida por banho com determinadas ervas ou quando a pessoa afetada é benzida com um ramo de planta e algumas orações". Esse aspecto místico revela traços fortes da identidade da Comunidade e indica o respeito pelas rezadeiras como líderes sacras da espiritualidade comunitária.

No tocante à questão da **natalidade das crianças** e do **acesso à saúde**, perguntamos se havia alguma parteira na Comunidade, ao que Luiza riu e ressaltou: "*eu mesma já peguei uns quinze*". De acordo com Damião, sua mãe, Nanu, ajudou muitas crianças a nascerem, assim como Joaninha (*in memoriam*) – mãe de Maria Severa e Maria de Rafael (*in memoriam*). Todos os doze filhos de Maria Severa e os vinte e quatro de Luiza foram nascidos com a ajuda de parteiras. Há cerca de 30 anos, era raro crianças da zona rural nascerem em hospitais no município de Teofilândia.

Quando as pessoas adoeciam, os remédios usados geralmente eram chás e/ou muitas vezes se deslocavam andando para o hospital no município de Araci, situado a 12 km da Comunidade, pois era o local mais próximo. Nas palavras de Luiza, "*A gente colocava os meninos no braço e se mandava a pé*" (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017). Segundo os anciãos, as dificuldades com relação ao transporte e ao deslocamento eram cotidianas. A renda dos moradores era tão insuficiente a ponto de impossibilitar a compra de animais usados para trabalho e transporte. Os acessos a diversos tipos de transporte aconteceram posteriormente à época em que estivemos reconstruindo memórias coletivas.

A carroça, assim como o carro-de-boi, foram **meios de transporte** utilizados para levar produtos da agricultura local para comercialização. Muitos moradores se deslocavam para a cidade de Araci de carroça, quando não de jumento ou andando. Para discutirmos sobre as experiências vividas no **trabalho agrícola**, investigamos sobre a forma como eram feitos o plantio e o preparo da terra. Acerca disso, José declarou: "*às vezes era limpo com enxada, às vezes de arado de boi. Era plantado na enxada, no pé, não tinha máquina. Depois foi aparecendo o trator, a máquina de mão e, depois, a plantadeira*" (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017). Em seguida, Damião complementou: "*a gente fazia batalhão pra plantar as covas e plantar feijão*" (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017).

Acreditamos que esse ato de fazer batalhão contribuía para que as pessoas ficassem mais unidas. Dessa forma, indagamos se os batalhões geravam solidariedade, ao que Neuza respondeu: "*um ajuda o outro*, *quem tinha cinco tarefas de terra para plantar sozinho era difícil, quando juntava todo mundo era rápido, mesmo com todo sofrimento era rápido*" (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017). Os interlocutores nesse diálogo mostraram que, apesar de o trabalho agrícola necessitar de muito esforço físico, ele também proporcionava momentos de muita socialização, diversão e alegria.

A forma de comemorar o término do trabalho na roça era a Festa da Bandeira, em que as mulheres saíam para buscar os homens na roça com a bandeira. Primeiro elas cozinhavam a comida, enquanto isso os homens trabalhavam, e depois elas levavam a bandeira, como relembra José: "*tinha até pé-de-bode. Naquele tempo era bom demais, eu nem lembrava que tinha isso*" (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017).

> Uma mulher – da que ficava em casa fazendo o almoço – pegava um papel ou pano e enfiava numa vara, e, quando terminava o batalhão, um monte de mulher dizia 'vambora' levar a bandeira a João Moreira e saía. Quando chegava na roça, João Moreira – de lá já tava "olha a bandeira/ olha a bandeira/ olha a bandeira brasileira/ a bandeira ela é brasileira/ e eu pensei que a bandeira era de renda, é d'um babado só/ d'um babado só/ o vestido da mulata é d'um babado só/ eu pensava que era tira, é d'um babado só, ó, ó". Quando chegava em casa, era um samba no terreiro que sacudia, a poeira chega que voava. Depois que terminava o samba, fazia uma roda, e a gente entregava a bandeira a João Moreira, aí, quando marcava outro batalhão em outra semana, aí a bandeira ia de novo, levava pra roça e entregava ao cabeceira do batalhão (MARIA SEVERA, círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017).

A partir dessa fala, percebemos que as memórias coletivas influenciam nas rememorações individuais, que são impregnadas de detalhes vivenciados por eles, mas que se encontravam esquecidos. Para Bosi (2003, p. 53), "a memória é sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo". Assim, ao relembrar as vivências, os moradores externalizam as aprendizagens adquiridas.

De acordo com os moradores, quando o tempo era "bom", ou seja, quando a chuva era bem distribuída, as plantações rendiam boas safras. Segundo José, "*a plantação mais certa aqui era no mês de maio, na primeira semana de maio. O que plantava dava, era difícil perder, quem plantava em maio colhia em agosto. Mas o tempo mudou, e foi ficando fraco*" (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017). Diante da fala de José, concluímos que os fatores climáticos influenciam no desenvolvimento das atividades agrícolas, resvalando nas questões ligadas à soberania alimentar. O uso de tecnologias sociais, com a construção de cisternas e outros modos de armazenamento de água, vem contribuindo para ajustar o convívio da sociedade em territórios marcados pela constante seca, mantendo as famílias e a produção de alimentos.

A agricultura era de subsistência e produzia o feijão, o milho, a mandioca, a batata e a abóbora. A dinâmica da produção estava atrelada à distribuição regular de chuvas, assim, "quando se fala, porém, de semiárido, uma questão emerge de imediato: a água e a chuva. Normalmente, se afirma que não chove o suficiente, que há falta de água e que este é o maior problema do semiárido" (SANTOS et al., 2011, p. 10). A contextualização das narrativas dos participantes do círculo de cultura mostra que a água é um fator determinante no território, influenciando diretamente na produção agrícola. Em busca da variedade de alimentos, antigamente as pessoas repartiam em sistemas de trocas o que produziam, isto é, "*um dava feijão, outro dava batata, e o povo enchia a barriga porque naquele tempo tinha e era muito*" (NEUZA, círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017).

Nos períodos de seca, a Comunidade passava por muitas dificuldades. Além do não acesso a políticas de permanência, de crédito, de saúde e de trabalho, o desafio cotidiano e emergencial era alimentar a família. Vejamos o relato de Luiza:

> Nos tempos difíceis, a gente ia buscar olho de pindoba na Serra de Zé Luiz, trazia era os "mói" amarrado, quando não podia comer mais cru, cozinhava, o caldo podia pintar qualquer roupa que ficava da cor da água. E não morreu ninguém... eu já andava com as mãos que não podia mais passar o dedo de tanto pegar em cabo de machado de trabalhar mais meus irmãos. Era uns derrubando os olhos de pindoba e outros descascando, tinha vez que, quando a gente terminava de derrubar, quando ia ver, os que tavam embaixo já tinha comido os que tavam descascados, da fome que passamos. Hoje em dia, não tem mais ninguém pobre, não, hoje tá todo mundo rico, amanhece o dia um diz: "eu não quero cuscuz seco, não quero uma batata seca". Antigamente a gente só comia uma batata se fosse de porco, era uma "ramagem" que chamava batata de porco, a gente cavava e nem lavava, comia com terra, com tudo, e ninguém morreu, não (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017).

A narrativa de Luiza é memória coletiva da Comunidade – que atravessou situações cruéis – a ponto de se alimentar com grãos e ervas não propícios para o consumo humano, como "olho de pindoba, batata de porco" – geralmente utilizados para alimentação animal em período de seca. Além desses, a Comunidade se utilizava de bredo, beldroega, língua-de-vaca, palma, raiz de umbuzeiro, milho pisado, xique-xique – tanto a planta quanto a fruta –, queimavam-no para que caíssem os espinhos, depois o descascavam e comiam o "miolo" da planta.

A renda familiar dos moradores foi, por muito tempo, garantida nos campos de **sisal**. Cerca de 80% dos participantes do primeiro encontro dos círculos de cultura tiveram e/ou ainda têm alguma experiência nos sisalais, onde se inicia a cadeia produtiva.

O trabalho no campo de sisal, apesar de ser uma tarefa que exige muito esforço físico e de o trabalho ser precarizado, além do alto risco de acidentes, oferece momentos de interação. Memórias foram acionadas com recordações positivas com relação ao fato de o café e as comidas serem mais saborosos porque eram reutilizadas latas de óleo de soja cozidas sem pressa no campo de sisal.

Em se tratando de **educação**, a primeira escola da Comunidade foi fundada em 1984 e se chamava Tancredo Neves, pois, segundo Neusa, "*antigamente o pessoal colocava esses nomes de presidente, governador*" (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017). Na escolha do nome da escola, a Comunidade não teve participação nenhuma, conforme expressa José: "*já veio de lá de cima, deles lá*" (círculo de cultura realizado no dia 11/11/2017). A primeira professora residente na Comunidade foi Hilda Mata dos Reis, filha de Lúcia Mata dos Reis e de Raimundo; vale salientar que nesse período os professores eram indicados politicamente e não por contrato ou concurso.

No ano de 2000, a escola passou por reforma e ampliação, além da troca do nome da unidade escolar para Izídio Ferreira dos Santos. Após 18 anos de funcionamento, pós-reforma, a unidade foi fechada em virtude da nucleação da rede municipal, remanejando os alunos para unidades escolares em

povoados circunvizinhos. Apesar de a multisseriação representar baixa qualidade de oferta na educação pública, o fechamento de espaços escolares revela a perversidade do Estado na redução de possibilidades de transformações sociais emancipadoras que poderiam eclodir nesses espaços e transbordar por seu território.

No que se refere à participação/atuação de moradores na vida **política**, a Comunidade de Ipoeira já teve representante político na esfera municipal, dentre eles Valdivino Ferreira dos Santos (13/05/1941 a 24/09/2018), eleito por dois mandatos para vereador. Foi eleito pela primeira vez em 1989-1992, no mandato do Prefeito Antônio José dos Santos, sendo Vice-prefeito Adolfo Cordeiro de Almeida, e reeleito de 1993-1996, no mandato do Prefeito Adolfo Cordeiro de Almeida, sendo Vice-prefeita Maria José Oliveira. Aqui, destacamos a participação da mulher na política, uma vez que Maria José foi a primeira vice-prefeita do município de Teofilândia-BA.

A participação de Valdivino na vida política foi marcada pela redemocratização do país, em 1988, e por transformações de políticas sociais que se aprofundaram entre os governos de Fernando Collor de Mello (1990-1992), Itamar Franco (1992-1995) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2003). Dentre as transformações, podemos destacar o sancionamento da Lei n° 8.069/90, por Fernando Collor de Mello, que instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente. Outro marco significativo para a população do campo, no que tange à luta e à resistência, ocorreu em 1996, com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – em conflito com a Polícia Militar no Estado do Pará, acontecimento que ficou conhecido como Massacre de Eldorado dos Carajás.

No que se refere a movimentos sociais, em Ipoeira foi criada, em 1998, a **Associação Comunitária Rural de Ipoeira** – ACRI –, cujo objetivo é promover atividades assistenciais para os 80 associados e para os moradores da Comunidade.

A ACRI tem parceria com a Prefeitura Municipal de Teofilândia – PMT –, com a Central das Associações, com o Banco do Nordeste, com a Associação das Cooperativas de Apoio à Economia Familiar – ASCOOB –, com a *Yamana Gold*, com o Movimento de Organização Comunitária – MOC – e com outras instituições.

Os membros da ACRI se reúnem a cada dois meses na assembleia geral presidida pela diretoria e pelo conselho fiscal. A diretoria tem a função de convocar os associados para as assembleias e registrar em ata as discussões, além de gerir os recursos físicos e financeiros da associação e buscar parcerias para a realização de projetos. Já o conselho fiscal é responsável por analisar e deliberar pareceres acerca da conduta da diretoria, além de aprovar as contas.

Considerando que os sujeitos do campo possuem uma característica marcante, a celebração de festejos diversos, observamos que isso é uma forma de empoderamento e fortalecimento, mesmo que de maneira informal, da educação do campo. Então abrimos um diálogo sobre a **Folia de Reis** e o **samba**

de Roda. Esta manifestação cultural foi muito importante na Comunidade, contudo é raro ela acontecer, segundo Claudemiro: "*as coisas foram fraqueando, foram fraqueando. Os jovens não querem saber disso, o negócio deles é forró, samba não, né. A gente ainda tenta porque eu mesmo gosto da brincadeira*" (círculo de cultura realizado em 11/11/2017). Dentre os fatores que contribuíram para a desarticulação da Festa de Reis estão o falecimento ou a migração de seus organizadores.

A Comunidade de Ipoeira é rica em manifestações culturais que reforçam os laços e as vivências dos moradores com o seu território. Outra manifestação potente se refere ao **Arraiá do Milho Verde**, o qual teve início na Comunidade em 1998, a partir da iniciativa de Edmilson Reis da Silva, conhecido como Dico de João, e Hilda Mata dos Reis. Desde a primeira edição, ocorreram, consecutivamente, treze edições, como pode ser observado na figura 02.

Figura 02: Realização do Arraiá do Milho Verde de 1998 a 2017 da Comunidade de Ipoeira, Teofilândia – Ba.



Fonte: BISPO, Dione dos S.; MIRANDA, Damião de J.; VISITAÇÂO, Josenilda S. da, 2018.
Elaboração: SANTOS, L. V. dos, 2018.

Outro exemplo é o campeonato de **futebol**, o qual provoca a articulação comunitária. Desde o início da Comunidade, os primeiros moradores mantinham a prática do futebol. Vejamos um relato:

> No caso do futebol e da capoeira, a gente sempre convida outras pessoas de fora para vir para a Comunidade e também vamos para as outras localidades e cidades, e isso acaba gerando mais amizades. Agora no São João com a quadrilha vai vir muita gente nova de fora que iremos conhecer e fazer amizade (FILIPE, roda de conversa realizada no dia 27/05/2017).

O esporte contribui significativamente para o desenvolvimento social, despertando a importância da convivência em grupo, além da compreensão de regras e dos ganhos relacionados à saúde do corpo. O **futebol** é um esporte que insere pessoas de todas as idades, como crianças, jovens, adultos, além de

homens, mulheres e idosos. Outra modalidade que se destaca é a **capoeira** e sua história de "resistência", tendo como marco inicial o ano de 1994. Conforme informações da memória coletiva, Cidel e Humberto começaram treinando capoeira no Setor de São Francisco com Irineu no grupo Dois Unidos do Mestre Zé Muringa. Depois de aprender alguns golpes, começaram a ensinar aos colegas em Ipoeira. Os treinos aconteciam no pátio da escola e, posteriormente, no bar de Raimundo, reunindo cerca de quarenta praticantes.

Segundo Cidel, no início houve muito preconceito por parte da população, pois os homens que praticavam a capoeira eram vistos como "vagabundos", enquanto as mulheres estavam deslocadas dos papéis tradicionais atribuídos a elas pela sociedade patriarcalista. Essas narrativas apontam para desafios tão antigos quanto aparentam ser novos dilemas de análise: o preconceito racial e de gênero. No entanto, enfatizamos a prática da capoeira como sinal de resistência a padrões impostos que devem ser questionados, além de transgredidos.

Em 2007, sem espaço para treinar e com a ausência de Cidel por motivos de trabalho, a prática de capoeira ficou estagnada por oito anos, tendo sua retomada em 2015. Para Cidel, "*antes os alunos se empenhavam mais. Os meninos treinavam para um jogar mais que o outro na roda, muitos iam lá pra casa para treinar durante a semana. E hoje esse empenho não é visto até mesmo nos treinos*" (diálogo individual realizado no dia 09/08/2018). Para além da desarticulação da capoeira, a fala de Cidel aponta na direção do esvaziamento de sentidos de muitas práticas culturais que, ao longo destas páginas, foram acionadas como memórias constituintes do território sob análise. Diante disso, é preciso considerar as reinvenções e dinâmicas entre tradicionalidades e modernidades na geração de novas conjunturas, além de se apontar algumas práticas enquanto resistência aos fluxos de transformação.

Tecendo algumas considerações

Considerando-se os recursos metodológicos utilizados ao longo da pesquisa-ação, avaliamos que eles se constituíram eficientemente na construção das análises, contribuindo, assim, para uma interação fluida entre pesquisadores e pesquisados.

Nesse sentido, o que propusemos foi a reflexão sobre a construção da identidade de sujeitos do campo e, consequentemente, seu empoderamento através de memórias coletivas de jovens, adultos e idosos, tensionando o despertar do sentimento de pertencimento à Comunidade de Ipoeira e enfatizando as contribuições das práticas culturais estabelecidas nesse território.

Analisando a construção diagnóstica, ponderamos que o conjunto de metodologias serviu para nortear os passos seguintes da pesquisa, pois, através da escuta do que os sujeitos evidenciaram – o que seria relevante ser pesquisado sobre a história da Comunidade –, delimitamos um plano de ação que foi

desenvolvido com jovens e anciãos. Assim, firmamos a importância de ouvir os sujeitos do lugar antes de padronizarmos ou delimitarmos as questões de pesquisa. Dessa forma, sondamos o que pesquisar junto à Comunidade, desafiando, talvez, justificativas de pesquisa que atendem a anseios e curiosidades dos pesquisadores e não exatamente das comunidades que estão envolvidas de alguma forma nessas pesquisas.

Os círculos de cultura nos permitiram conhecer, através das memórias coletivas dos moradores, a história da Comunidade de Ipoeira, elencando as práticas culturais estabelecidas territorialmente nesse lugar. E, além disso, serviram para que sujeitos mais jovens compreendessem mudanças sociais, políticas, históricas e culturais. Isso é importante porque a tensão gerada pelo encontro entre diferentes faixas etárias se constitui numa perspectiva de trocas ricas e fecundas enquanto estratégia metodológica de pesquisa qualitativa.

A pesquisa desenvolvida traz em sua conjuntura um enredo de valiosas significações e, desse modo, abre um leque de possibilidades de aplicações em pesquisas voltadas às comunidades tradicionais. Acreditamos que este trabalho pode ser um ponto de partida para que outros pesquisadores despertem o sentimento de pertencimento quanto ao lugar em que vivem. Cabe destacar que é preciso dar visibilidade aos sujeitos pertencentes aos nossos territórios. Ademais, é necessário fazer da ciência um território de falas livres e não perpetuar uma postura que permite que apenas realidades "escolhidas" como atraentes apresentem grandes resultados de pesquisa. Todo território que é capaz de acionar memórias coletivas é relevante porque o poder também é afetivo e produz laços de pertencimento a territórios-lugares.

Este artigo é, por fim, um ensaio de um sonho de uma moradora e pesquisadora de Ipoeira, o de torná-lo um material didático motivador para as escolas do campo, sobretudo para os sujeitos que possuem suas falas ecoando nas entrelinhas deste texto e que anseiam compreender mais sobre o seu lugar. Esses resultados apontam para novas formas de pesquisar, do que pesquisar, de como pesquisar e de para quem pesquisar. E o desafio posto foi, de alguma forma, entender a dialética entre ser pesquisadora e objeto de pesquisa, ou seja, falar do campo enquanto moradora e educadora do campo e, nesse contexto, viver toda essa experiência sem negar absolutamente nada, apenas lutar pelo reconhecimento de tantos territórios de vida, como o observado em Ipoeira. Eis aqui a motivação para os cientistas menos tradicionais.

Referências

ARAÚJO, Juarez Silva. **Medicina Tradicional**: as plantas medicinais no contexto de vida e trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde do município de Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)

– Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2017.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Prefácio. In: CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 9-14.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade Educação – SIRSSE**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan./abr. 2012.

BRASIL, **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)**. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2006.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Tradução: Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, n. 16, p. 181-191, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes. 1987

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GARRAFIEL, Denise Regina. As Políticas Públicas de desenvolvimento sustentável no Estado do Acre de 1999 a 2002. 77f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais) – Departamento de Ciências da Natureza, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Minas Gerais, v. 16, n. 47, p. 333-363, maio/ago. 2011.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, ano 9, n. 17, 2007. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531/8731. Acesso em: 30 jul. 2020.

HALBWACHS, Maurice; SCHAFFTER, Laurent Léon. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Edições Vértice; Brasília: Editora Revista Dos Tribunais Ltda, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: velhos e novos temas. 2002. Disponível em http://gtdidatica.sites.uol.com.br/textos/libaneo.pdf. Acesso em: 8 jun. 2017.

LÓPEZ, Maximiliano Valerio. O conceito de experiência em Michel Foucault. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 42-55, jul./dez. 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 07-34.

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o semi-árido. In: RESAB. **Educação para a convivência com o semi-árido**: reflexões teórico-práticas. Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da RESAB, Selo Editorial – RESAB, 2006. p. 37-68.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Metodologia Árvore dos Sonhos**. 2015. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/04/metodologia_arvore_dos_sonhos.pdf. Acesso em: 05 jun. 2017.

MORGAN, David L. **Focus groups as qualitative research**. Beverly Hills: SAGE Publications, 1996.

SANTOS, Bernadete Marlene Carneiro et al. **Construindo saberes para uma educação contextualizada**: desenvolvimento sustentável e convivência com o semiárido. Feira de Santana: MOC, 2011. Disponível em: http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=10485. Acesso em: 15 ago. 2020.

PASA, Maria Corette. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum**, Belém, v. 6, n. 1, p. 179-196, jan./abr. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a11v6n1.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

SCHARDONG, Roberta Moriconi Freire; CERVI, Armando Carlos. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biol. Par.**, Curitiba, v. 29 n. 1, 2, 3, 4, p. 187-217, 2000.

TUAN, Yu Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

Informações do Artigo

Recebido em: 14/06/2020
Aceito em: 24/08/2020
Publicado em: 04/09/2020

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não haver quaisquer conflitos de interesse referente a este artigo.

Como citar este artigo

Santos, L. V.; Oliveira, M. F. (2020). A história do "meu" lugar: as memórias e suas contribuições para o enriquecimento das identidades campesinas. Revista Macambira, 4(2), e042003. https://doi.org/10.35642/rm.v4i2.458

Licença:

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .

Article Information

Received on: 14/06/2020
Accepted in: 24/08/2020
Published on: 04/09/2020

Conflict of Interest: No reported.

How to cite this article

Santos, L. V.; Oliveira, M. F. (2020). The history of "my" place: memories and their contributions to the enrichment of peasant identities. Revista Macambira, 4(2), e042003. https://doi.org/10.35642/rm.v4i2.458

License:

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.